

## APRESENTAÇÃO

NO DIA 10 DE MARÇO DE 1904, os leitores do jornal *A Tribuna* se depararam, na terceira página da folha, com uma nova coluna, intitulada “Ecos Noturnos”. Assinada por um certo Vagalume – pseudônimo criado por Francisco José Gomes Guimarães [1877–1947], jornalista ainda pouco conhecido no circuito da imprensa carioca –, tinha o subtítulo “reportagem da madrugada” e estabelecia um claro contraponto à outra série do jornal, “Ecos”, que ocupava o espaço nobre da primeira página com comentários sobre os grandes temas políticos do dia. O próprio título da nova seção indica sua diferença em relação a esta: no lugar dos temas mais respeitáveis tratados pela folha, como os debates parlamentares ou os atos da Prefeitura, era da noite carioca e de seus sujeitos que se ocuparia o cronista do novo espaço. Iniciava-se assim uma coluna que, embora aparentemente despreziosa, alcançou grande sucesso nas semanas seguintes. Publicada quase diariamente por ele em pouco menos de dois meses, num total de 45 crônicas, ela se converteu rapidamente em referência para o resto da imprensa da cidade, que passou a buscar meios semelhantes de tematizar o submundo da noite carioca.<sup>1</sup>

O jornal *A Tribuna*, fundado em julho de 1890, apresentou, desde seus primeiros tempos, um deliberado intuito político. “Quando se trata da causa pública, a neutralidade é um delito”, afirmou seu programa de estreia, no qual fazia da tomada de posição política um dever.<sup>2</sup> Por mais que ele estabe-

1 Conferir, por exemplo, o caso de João do Rio, analisado por Julia O’Donnell, *De olho na rua: a cidade de João do Rio*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2008.

2 Cf. “A Tribuna”, *A Tribuna*, Rio de Janeiro, 1º de julho de 1890.

lecesse nos anos seguintes relações variadas com os sucessivos governos republicanos, a ênfase na política ainda se mostrava forte nos primeiros anos do século xx, quando passou a ser dirigido por Alcindo Guanabara, então um jornalista e ex-deputado já de longa militância republicana.<sup>3</sup> A despeito disso, *A Tribuna*, como outras grandes folhas do período, abria suas páginas também para seções mais leves, capazes de atrair o interesse do público.<sup>4</sup>

Era o que se buscava com a publicação daqueles “Ecos Noturnos”. No contraponto à coluna que serve de base ao seu título, a nova série se propunha a tratar de assuntos noturnos afastados dos grandes temas da política federal, de modo a aproximar a folha das questões e vivências que marcavam a experiência de seus possíveis leitores. Seu interesse se voltava, por isso, para a vida cotidiana da cidade do Rio de Janeiro, em especial para o modo pelo qual esta era usufruída por aqueles que, por ofício e lazer, povoavam as noites cariocas.

Por meio dessa proposta, a série “Ecos Noturnos” nos oferece a chance de entender o Rio de Janeiro dos primeiros anos da República numa perspectiva muito distante daquelas habitualmente associadas à cidade. Alçada em 1889 à condição de capital federal, esta logo se transformou em palco de disputas sobre a imagem a ser construída para o novo regime. De início, foi violentamente atacada por escritores republicanos, que, na ânsia de afirmar para a nação um perfil moderno que a afastasse do passado colonial e escravista, passaram a criticar suas ruas velhas e estreitas, e a sua população atrasada e primitiva – em postura que, por exemplo, levou Olavo Bilac a defini-la, em 1900, como “uma cidade de pardieiros, habitada por analfabetos”<sup>5</sup> Em resposta a tais visões, o próprio governo federal começou a patrocinar, poucos meses depois, uma radical reforma urbana

- 3 Cf. Artur Sauer (org.). *Almanak Laemmert do Rio de Janeiro para 1904*. Rio de Janeiro: Companhia Tipográfica do Brasil, 1904, p. 630.
- 4 Sobre as tentativas e estratégias de sedução do público por parte da imprensa comercial do período, ver Leonardo Affonso de Miranda Pereira, “Negociações impressas: a imprensa comercial e o lazer dos trabalhadores no Rio de Janeiro da Primeira República”, *História* [online], vol. 35, e99, Assis, 2016.
- 5 Olavo Bilac, “Crônica”, *Gazeta de Notícias*, Rio de Janeiro, 18 de novembro de 1900. Ver Leonardo Affonso de Miranda Pereira, “Uma capital toda prosa: a invenção da *belle époque* carioca”. In: Ilmar R. Mattos; Jaime Santos & Roberto Antunes (orgs.). *Rio de Janeiro: histórias concisas de uma cidade de 450 anos*. Rio de Janeiro: Secretaria Municipal de Educação, 2015, p. 107–18.

em sua zona central. Sob o pretexto de melhorar as condições sanitárias da capital, foram derrubados antigos casarões e cortiços, para dar lugar a largas avenidas e modernos prédios, num claro intuito de aproximar o Rio de Janeiro da imagem então associada às grandes capitais europeias.<sup>6</sup>

Foi sobre imagens da capital federal resultantes desse violento esforço de reforma que se debruçaram muitos historiadores dedicados a contar a sua história. Em livro de 1983, Nicolau Sevcenko afirmou que “o advento da República proclama sonoramente a vitória do cosmopolitismo no Rio de Janeiro”.<sup>7</sup> Em caminho semelhante, Jeffrey D. Needell mostrou, poucos anos depois, como a reforma havia, de forma “consciente e bem fundamentada”, seguido a “inspiração de Haussmann”, o prefeito que pouco tempo antes remodelara o aspecto urbano da capital francesa.<sup>8</sup> Ainda que por um viés crítico, resultaram de análises como essas a imagem de uma cidade que passava a viver sua *belle époque* – termo que alude ao momento de entusiasmo pelo progresso característico das grandes capitais europeias entre o final do século XIX e o início da Primeira Guerra Mundial.

Como resultado, definiu-se para a cidade (e para o país por ela representado) uma imagem na qual não havia espaço para os negros e mestiços, e suas culturas. Supostamente à margem do sistema político forjado ao longo da Primeira República, eles veriam suas práticas e tradições serem subjugadas pela ordem republicana que se ocupou em reprimi-las, na caracterização do que Marc Hertzman definiu como o “paradigma da repressão”.<sup>9</sup> Qualificada como uma realidade palpável, essa imagem europeizada de uma *belle époque* carioca – cuja vitalidade seria atestada tanto pelos modernos prédios e avenidas construídos durante a reforma quanto pela celebração de reformadores como Pereira Passos, o prefeito que dirigiu a reforma, ou o médico Oswaldo Cruz, responsável pelo saneamento da cidade em meio a esse processo – acabou por definir a memória construída, nos anos seguintes, sobre o Rio de Janeiro dos primeiros anos da República.

6 Oswaldo Porto Rocha, *A era das demolições: cidade do Rio de Janeiro, 1870–1920*. Rio de Janeiro: Secretaria Municipal de Cultura, 1995.

7 Nicolau Sevcenko, *Literatura como missão: tensões sociais e criação cultural na Primeira República*. São Paulo: Brasiliense, 1983, p. 36.

8 Jeffrey D. Needell, *Belle époque tropical: sociedade e cultura de elite no Rio de Janeiro na virada do século*. São Paulo: Companhia das Letras, 1993, p. 55.

9 Marc Hertzman, *Making Samba: A New History of Race and Music in Brazil*. Durham: Duke University Press, 2013.

É na contramão dessa imagem e do projeto sobre a qual ela se sustenta que se situam as crônicas de Francisco Guimarães. Voltadas para o mundo da noite carioca, elas se constroem a partir da visita do cronista a locais que ainda não costumavam merecer maiores atenções da imprensa. Promoviam, com isso, um alargamento do espaço pelo qual a cidade do Rio de Janeiro costumava ser representada. Ao passo que, em geral, a ênfase de outros cronistas e homens de letras se concentrava na região central, alvo do investimento modernizador da reforma, Vagalume constrói seus relatos em decorrência de incursões a outros territórios físicos e simbólicos. Tal esforço se configura, por um lado, na constante presença do cronista em estabelecimentos do Centro da cidade, que eram normalmente escondidos pelo fausto da reforma ali empreendida, como feiras, pequenos salões dançantes, estações policiais e restaurantes baratos frequentados por trabalhadores; por outro, sem se limitar a eles, faz dos trens e bondes noturnos outro tema constante de suas crônicas, um meio de chegar a subúrbios e a bairros habitados por trabalhadores, nos quais encontra tanto uma vida social ativa, caracterizada por forte associativismo local, quanto a constante reclamação sobre o descaso da Prefeitura para com essas localidades.<sup>10</sup>

Assim, ao mesmo tempo que ampliava os contornos simbólicos da cidade, a série “Ecos Noturnos” passava a trazer para as páginas do jornal personagens comumente ausentes do noticiário das grandes folhas. Além de sempre ressaltar o talento dos atores do popular teatro ligeiro, presenças constantes em suas crônicas, Vagalume fazia aparecer figuras ainda pouco conhecidas do público mais amplo, como Quincas Laranjeiras, operário da fábrica Aliança que animava pequenos bailes e festejos com seu violão, e Sátiro Bilhar, telegrafista da Estrada de Ferro Central do Brasil, cujas composições faziam sucesso nos mesmos ambientes.<sup>11</sup> Do mesmo modo, suas crônicas conferiam, de maneira constante, protagonismo a pontos de vista, opiniões e demandas de sujeitos anônimos da noite carioca, como pescadores, carteiros, boêmios, feirantes e operários. Mais do que falar sobre eles, Vagalume tratava de dar voz a tais personagens em crônicas cuja forma supostamente reproduzia diálogos travados com eles

10 Cf. Vagalume (Francisco Guimarães), “Ecos Noturnos”, *A Tribuna*, Rio de Janeiro, 7 de abril de 1904.

11 Cf. Vagalume (Francisco Guimarães), “Ecos Noturnos”, *A Tribuna*, Rio de Janeiro, 14 de março e 14 de abril de 1904.

em suas incursões noturnas. Seus textos, desse modo, incorporam os relatos daqueles que define como “homens laboriosos, que constituem a classe proletária”, de que interesses e perspectivas faz questão de contemplar.<sup>12</sup>

Ao realizar essa proposta, Vagalume deixava claro, de forma consciente ou não, os limites do modelo cosmopolita de civilização e modernidade que se tentava naquele momento associar à cidade. Estes se expressavam, em primeiro lugar, pelo testemunho da vitalidade das práticas culturais de matriz africana. Era o caso, já naquele momento, do ritmo sincopado que chamava de “samba”, encontrado em muitos dos espaços que visitava,<sup>13</sup> ou das práticas religiosas patrocinadas pelos que definiu como “feiticeiros” em várias de suas crônicas, entre os quais João Alabá, da rua de São Félix, e Sanin, “o grande feiticeiro da rua dos Andradas”.<sup>14</sup> Se a imagem então afirmada por muitos homens de letras para a chamada *belle époque* carioca fazia crer estarem tais práticas negras ausentes ou escondidas em face da repressão imposta pela modernidade, Vagalume testemunhava sua força e vigor, abertamente expressos nas regiões que visitou em suas incursões noturnas.

De forma semelhante, o cronista explicitava também o sentido de ilusão daquela modernidade pretendida, ao dar a ver a força assumida, na própria capital federal, por práticas políticas ligadas ao período monárquico e supostamente superadas pelo ideal republicano, segundo alguns de seus entusiastas. Dos relatos de seus informantes, muitos deles voltados para a reflexão ou a crítica das redes de poder local, com as quais eram obrigados a conviver, transparece a força de uma lógica política baseada no paternalismo e no mandonismo local. Ao ajudar a relativizar o suposto afastamento e desinteresse dos trabalhadores da Primeira República em relação à política eleitoral afirmado por parte da historiografia,<sup>15</sup> as

12 Cf. Vagalume (Francisco Guimarães), “Ecos Noturnos”, *A Tribuna*, Rio de Janeiro, 2 de maio de 1904. Ver ainda, no mesmo sentido, a crônica do dia 13 de abril de 1904.

13 Cf. Vagalume (Francisco Guimarães), “Ecos Noturnos”, *A Tribuna*, Rio de Janeiro, 6, 11 e 14 de abril de 1904.

14 Cf. Vagalume (Francisco Guimarães), “Ecos Noturnos”, *A Tribuna*, Rio de Janeiro, 30 e 31 de março de 1904. Ver ainda, para outros casos, as crônicas dos dias 5 e 7 de abril de 1904.

15 Cf. José Murilo de Carvalho, *Os bestializados: o Rio de Janeiro e a República que não foi*. São Paulo: Companhia. das Letras, 1987. Na crônica de 17 de março de 1904, Vagalume transcreve o que ouviu de um de seus interlocutores: “nesta terra o indivíduo pode não ter um pedaço de pão, mas um título eleitoral... é certo”.

crônicas de Vagalume se permeiam de discussões sobre a lógica do favor que sustentava as chefias políticas de diferentes bairros e cujas disputas se expressavam de modo claro nas eleições municipais. Desse modo, ganham papel central em suas crônicas tanto chefes políticos locais, como o capitão Sampaio, liderança política do Engenho de Dentro, quanto alguns “cabos políticos” de menor projeção, como o Tripa Limpa, o Estraga, o Manuel Maluco e o Mete o Braço.<sup>16</sup> Atentando para os mecanismos por meio dos quais figuras como estas garantiam sua força e poder, Vagalume nos permite enxergar a política republicana da perspectiva das ruas, expressa nas opiniões e nos pontos de vista de muitos de seus interlocutores.

Não se deve, por isso, admirar que, pouco após o início da série “Ecos Noturnos”, Vagalume passasse a ser procurado, nas ruas ou por carta, por trabalhadores que reconheciam nele um porta-voz de seus interesses e podiam usar sua coluna para expressar queixas e reclamações.<sup>17</sup> Situada explicitamente em defesa dos interesses de trabalhadores anônimos, como indica numa nota em que afirma aceitar “qualquer reclamação a respeito das guardas noturnas, quer dos guardas, quer dos diretores, quer dos contribuintes”,<sup>18</sup> sua coluna se tornou um canal de denúncia e reivindicação por parte desses sujeitos. Sem se limitar aos desmandos policiais, tal perspectiva fez com que a série assumisse também uma perspectiva crítica sobre a administração pública e suas mazelas. Ao buscar matéria para seus escritos no que ouvia de seus interlocutores, Vagalume acabou por compor com eles um espaço frequente de reivindicação e de denúncia sobre abusos e malfeitos em diferentes órgãos públicos.<sup>19</sup> Aos olhos de seus lei-

Já na coluna de 30 de abril do mesmo ano, no entanto, reconhece as dificuldades envolvidas em tal interesse eleitoral, por vezes tolhido pelo indeferimento do alistamento eleitoral decorrente de interesses políticos locais.

- 16 Cf. Vagalume (Francisco Guimarães), “Ecos Noturnos”, *A Tribuna*, 12 de março e 30 de abril de 1904. Ver ainda as crônicas do dia 2 de abril.
- 17 É o que faz, em abril, um missivista que escreve a ele, “pedindo que na seção *Ecos Noturnos* chamássemos a atenção do chefe de polícia para o fato de estar ele sendo perseguido por um agente de polícia”. Cf. Vagalume, “Ecos Noturnos”, *A Tribuna*, Rio de Janeiro, 14 de abril de 1904.
- 18 Vagalume (Francisco Guimarães), “Ecos Noturnos”, *A Tribuna*, Rio de Janeiro, 8 de abril de 1904.
- 19 Ver, por exemplo, Vagalume (Francisco Guimarães), “Ecos Noturnos”, *A Tribuna*, Rio de Janeiro, 11 de abril de abril de 1904.

tores, tornava-se assim um “guarda avançado da seriedade administrativa”, como foi chamado por um dos missivistas que lhe escreveram.<sup>20</sup>

Configurado o perfil de um cronista singular em meio ao cenário letrado da capital federal, a nova coluna rapidamente chamou a atenção dos seus contemporâneos. “Tenho gostado bastante da sua reportagem e por aqui esta gente toda avança na *Tribuna* que não é graça!”<sup>21</sup> ouve Vagalume de um interlocutor em conversa no campo de Santana. Ao retratar, de maneira positiva, ambientes e sujeitos que só costumavam aparecer na imprensa em colunas policiais, encorparam-se opiniões, experiências e perspectivas muito diversas daquelas que costumavam figurar na grande imprensa. Num momento em que se tentava afirmar para a capital federal uma imagem moderna, cosmopolita e iluminada, Vagalume mostrava, em sua série, os contornos de uma cidade em geral escondida sob a ilusão de modernidade criada pelas reformas urbanas,<sup>22</sup> vale dizer, portadora de uma mensagem cujos “ecos” podemos ainda reconhecer cotidianamente em nosso presente.

ESTE LIVRO BUSCA, PORTANTO, alargar as possibilidades de compreensão da cidade do Rio de Janeiro nos primeiros anos da República. Valendo-se do trabalho não apenas de seus organizadores, mas também de uma vasta equipe que contribuiu na transcrição desses escritos e na pesquisa relacionada a eles,<sup>23</sup> reproduzem-se aqui as crônicas da série “Ecos Noturnos” de autoria de Vagalume desde a sua estreia no jornal *A Tribuna*, no dia 10 de março de 1904, até a crônica do dia 2 de maio do mesmo

20 Cf. Vagalume (Francisco Guimarães), “Ecos Noturnos”, *A Tribuna*, Rio de Janeiro, 25 de abril de 1904.

21 Vagalume (Francisco Guimarães), “Ecos Noturnos”, *A Tribuna*, Rio de Janeiro, 14 de abril de 1904.

22 Sobre o efeito de ilusão resultante de tais reformas, ver Margarida de Souza Neves, “Uma capital em *trompe l’œil*. O Rio de Janeiro, cidade-capital da República Velha”. In: Ana Maria Magaldi *et al.* *Educação no Brasil: história, cultura e política*. Bragança Paulista: Edusf, 2003, p. 253–86.

23 A transcrição das crônicas contou com a colaboração de Juliana Pereira, Elaina Reioli, Juliana Sabattinelli, Kesi Matos e Maria Alice Balbino.

ano.<sup>24</sup> Ainda que a coluna tenha continuado por mais algumas semanas depois que deixou de ser escrita por ele, que saiu da redação do jornal em busca de novos desafios e possibilidades profissionais, a mudança de autoria levou a um progressivo abandono da perspectiva anunciada no início da série. Desse modo, o que se apresenta aqui são apenas os textos do próprio Francisco Guimarães, excluindo-se do conjunto apenas os momentos ocasionais em que a coluna se abriu para os relatos do Serrafila, correspondente responsável por relatar a vida noturna de Petrópolis, e as longas relações publicadas em suas últimas crônicas com os nomes de todos aqueles que votaram num concurso para a escolha da mais popular atriz teatral da cidade.<sup>25</sup>

Além da publicação do texto original dessas crônicas, a presente edição, seguindo a proposta da coleção *Rio de crônicas*, traz notas que visam criar no leitor de hoje certa familiaridade com temas, personagens e questões facilmente compreensíveis pelos contemporâneos da série. Como alguns destes aparecem em diferentes crônicas, optou-se por referenciá-los somente na primeira vez em que são citados, já que, embora cada crônica possa ser lida na sua singularidade, a preparação do volume obedeceu à proposta da coleção de privilegiar a leitura cronológica do conjunto de textos.

Dadas as características desta série de crônicas de Vagalume, que se voltava para um universo social pouco conhecido pelos próprios contemporâneos que costumavam ler os grandes jornais da cidade, a identificação dos sujeitos e das questões tratados por ele nem sempre se mostrou das mais fáceis. Em muitas passagens em que o cronista aborda questões que não chegaram a ser tratadas por outras folhas ou mesmo em outros espaços do próprio *A Tribuna*, não se conseguiu localizar maiores informações sobre elas. Esse é o caso, em especial, de algumas referências que podiam ser conhecidas por muitos daqueles que Vagalume se propõe a levar para as páginas do jornal, mas dos quais pouco se sabia fora de seu

24 Vagalume ainda assinaria a coluna no dia 3 de maio. Nesse dia, porém, limita-se a reproduzir os nomes dos que votaram no concurso que promoveu para escolher a melhor atriz do teatro ligeiro.

25 Nos dois casos, os cortes foram referidos em nota e indicados no texto pela inclusão de três pontos entre colchetes, do mesmo modo que as passagens nas quais o original de *A Tribuna* consultado encontra-se ilegível.

universo social específico, como a identidade de um certo Sola Grossa e o sentido de expressões como “barbadinhos”.<sup>26</sup>

Outra dificuldade encontrada na transcrição das crônicas diz respeito à frequente adoção pelo cronista de uma forma de escrita construída a partir do vocabulário e da gramática das ruas, e que, portanto, se vale abundantemente do uso de gírias e formas de expressão ligadas aos falares cotidianos dos espaços que visita. Ainda que, em muitos casos, ele próprio se preocupe em explicar o sentido de tais expressões para o leitor, e que outras tenham sido decifradas, graças aos dicionários de gíria do período, algumas formulações só podem ser compreendidas em seu sentido contextual.

Pelo mesmo motivo, optou-se por respeitar a gramática própria a essas crônicas, reproduzindo-se as formas de escrita deliberadamente escolhidas pelo cronista. Mudanças e correções ocorreram apenas em casos claros de erros tipográficos, salvo a substituição das palavras “si” e “veiu”, muitas vezes adotadas nas crônicas originais, por “se” e “veio”, de acordo com as regras consolidadas por reformas ortográficas posteriores à série.

Nessa tentativa de equilibrar o esforço de reproduzir as crônicas como apareceram originalmente nos jornais e o cuidado de torná-las inteligíveis para o leitor da atualidade, configura-se a aposta de tornar a leitura da série a mais prazerosa e interessante possível para diferentes tipos de público. Assim, acreditamos que este livro pode vir a ser aproveitado tanto por pesquisadores interessados nos temas discutidos por Vagalume quanto por quaisquer outros leitores que se disponham a percorrer, com um olhar renovado, as noites do Rio de Janeiro no início do século xx, em seus variados espaços e em companhia dos mais diversos personagens. Uns e outros encontrarão o testemunho singular de Vagalume sobre a história do Rio de Janeiro nos primeiros tempos da República, ainda hoje capaz de nos fazer refletir sobre os dilemas e contradições do processo de constituição das belezas e misérias dessa cidade.

*Leonardo Affonso de Miranda Pereira*

*Mariana Costa*

26 Cf. Vagalume (Francisco Guimarães), “Ecos Noturnos”, *A Tribuna*, Rio de Janeiro, 4 e 16 de abril de 1904.